



Ivo Barroso, poeta e tradutor, nasceu em 25 de dezembro de 1929. Formou-se em Direito e em Línguas e Literaturas Neolatinas, sendo, de fato, nas Letras que encontrou sua paixão.

Fazendo-se tradutor desde cedo, Ivo Barroso já publicou mais de 30 traduções, responsável pela tradução de autores como Hermann Hesse, André Gide, Ítalo Calvino, Jane Austen e Umberto Eco. Na poesia, entre outros, dedicou-se à tradução da obra completa de Rimbaud, trabalho que lhe rendeu seu segundo Prêmio Jabuti, em 1998. Anos antes, em 1992, sua tradução de "Os gatos", de T. S. Eliot, lhe garantiu o primeiro. De Charles Baudelaire, Ivo Barroso foi

responsável pela organização de *Poesia e Prosa* (1995).

Foi editor-chefe da revista *Seleções do Reader's Digest* e assistente do editor das enciclopédias Delta-Larrousse, Mirador e Século XX.

De sua própria autoria, Ivo Barroso compôs *A caça virtual e outros poemas*, *Caixinha de música*, *Nau dos naufragos*, *Poesia ensinada aos jovens* e *Visitações de Alcipe*. Não se contendo ao livro impresso, Ivo Barroso possui um *blog*, o *Gaveta do Ivo* (<https://gavetadoivo.wordpress.com/>), no qual explora os percursos da poesia, da tradução, em uma síntese do fazer poético.

Entrevista com Ivo Barroso

Revista XIX – O senhor organizou a maior compilação de “Poesia e prosa” de Charles Baudelaire editada no Brasil (publicada em 1995 pela Editora Nova Aguilar). Poderia dizer-nos algumas palavras sobre esse trabalho e, em especial, sobre como encara a responsabilidade de selecionar textos para integrar uma obra que pretende tornar-se referência no país?

Tudo o que eu poderia dizer se refere à minha experiência pessoal na organização daquele trabalho. Desde o início, sabíamos da impossibilidade de publicar em português a obra completa de Charles Baudelaire, o que tomaria pelo menos 3 a 4 volumes, como na edição francesa da Bibliothèque de la Pléiade que nos serviu de guia. Para condensar tudo em um só foi necessário escolher o que havia de melhor já traduzido em nossa língua e providenciar novas traduções para o quanto, de fundamental, continuasse inédito. A editora me propiciou a oportunidade de adquirir todos os livros existentes em português, tanto no Brasil quanto em Portugal, e a primeira seleção consistiu em classificar o que não poderia faltar na edição brasileira. Para tanto foi necessária uma exaustiva leitura de todo o material recolhido, o que representava uma grande responsabilidade para o organizador, uma vez que nessa escolha entrava forçosamente seu gosto pessoal. Mas havia alguns musts indeclináveis: seria impossível, por exemplo, ignorar a tradução dos Pequenos Poemas em Prosa (O Spleen de Paris), feita por Aurélio Buarque de Holanda, já consagrada pelos leitores, editada inclusive pela Nova Fronteira, promotora do projeto. O grande problema estava em decidir qual das quatro versões completas das Flores do Mal, iríamos usar. Sempre apreciei as traduções esparsas de Guilherme de Almeida, mas, para efeito de unidade, impunha-se usar o texto de um único tradutor das 3 integrais então existentes: a de Jamir Almansur Haddad (1958), a de Ignacio de Souza Moitta (1971) e a de Ivan Junqueira (1985). As duas primeiras apresentavam grandes liberdades tradutórias, apelando não raro para as interpretações e reescritas, ao passo que a de Ivan era a única que se mantinha próxima dos atuais conceitos tradutórios, no que respeita ao estilo e às formas originais.

Revista XIX – Em algum momento foi cogitada a inclusão de parte da correspondência de Baudelaire na obra? Quais as principais razões para a exclusão?

Não. Desde as primeiras leituras pareceu-nos essencial, para limitação do espaço, a exclusão do teatro, das diatribes contra a Bélgica e da Correspondência.

Revista XIX – Em nosso número sobre Baudelaire, pretendemos publicar uma carta do autor que permanece inédita em português. Ainda há muito de Baudelaire por ser traduzido?

Não creio que haja algo de essencial ao conhecimento da obra de Baudelaire ainda por traduzir. Isto não quer dizer que consideramos sem importância, por exemplo, a correspondência, que seria oportuno que fosse publicada em volume à parte, mas ela era certamente menos importante para o nosso leitor do que as outras matérias que foram ali privilegiadas.

Revista XIX – O senhor é um dos mais reconhecidos tradutores brasileiros. Por que decidiu não participar do volume também como tradutor?

Minha primeira tradução de um poema francês foi precisamente o *L'Homme et la Mer*, isto lá pelo ano de 1945. Em 1993, escrevi para a revista *Poesia Sempre*, da Biblioteca Nacional, um artigo em que fazia o cotejo crítico das traduções de *Spleen-LXXVII* por Guilherme de Almeida, Ivan Junqueira e Jamil Almansur Haddad e, apresentava, para efeito didático, a minha versão que intentava recuperar algumas rimas opulentas e consoantes de apoio. Mas para a edição de *Prosa e Poesia* só contribuí com a tradução do famoso soneto fescenino de Théophile de Viau (1590-1626), que Baudelaire usou como fecho de *Meu coração a nu*, e supunha ser de François Maynard (1542-1646). O trabalho de organizador já era suficientemente exaustivo para permitir esse outro tipo de colaboração.

Revista XIX – Na sua avaliação, as traduções incluídas no volume continuam sendo as mais acuradas? A realização de novas traduções de Baudelaire é necessária?

Embora não esteja mais acompanhando as novas edições da obra de Baudelaire, o pouco que chegou ao meu conhecimento não acrescenta muito ao que tínhamos à época. É sempre necessário que haja, de tempos em tempos, novas traduções de grandes obras para efeito de atualização da linguagem.guardo, meio incrédulo, que surja uma nova tradução das *Flores do mal*, superior às existentes

Revista XIX – Entre outras questões, nosso dossiê procura instigar a reflexão acerca da relação entre, de um lado, as concepções de Baudelaire sobre o progresso e a modernidade e, de outro, a época em que vivemos, na qual muito daquilo que o poeta lamentava parece ter-

se tornado quase onipresente. Como o senhor avalia o lugar de Baudelaire hoje como referência cultural e literária?

Baudelaire foi, na definitiva expressão de Hugo, um “frisson” novo na literatura mundial. Sua concepção do belo, sua temática esdrúxula, sua visão sobre o progresso e a modernidade -- inteiramente inéditos e pessoais à época -- acabaram por se incorporar à nossa época e a instigar mesmo a superação dos modelos primitivos. Baudelaire continua, sem dúvida, atual, imprescindível, mas já não é mais o ápice das intenções literárias.

Revista XIX – Mario Vargas Llosa afirma que vivemos na “civilização do espetáculo”. Marcada pelo louvável anseio de democratizar a cultura, nossa época teria conduzido, segundo o autor, ao triunfo quase absoluto do entretenimento, cuja função primordial seria permitir a fuga ao tédio. Como o senhor avalia o cenário cultural contemporâneo?

Nas pegadas de Vargas Llosa ousaríamos dizer que a nossa civilização está caminhando para a galhofa. O sério, de tão desacreditado, deixou de ser o objetivo consciente. Estamos todos convivendo numa Disneylândia cósmica, desiludidos com o fracasso da moral institucional e coletiva. Nesta Roma global em que vivemos, acabou o pão e só restou o circo.

Revista XIX – Ainda pensando em nossa suposta “civilização do espetáculo”: nessa perspectiva, nossa época seria baudelairiana ou antibaudelairiana?

Eu diria que estamos vivendo uma época pós-baudelairiana, na qual os “valores” que advieram dela estão sendo magnificados ao exagero, o que redundaria estranhamente num vácuo intelectual, numa negação quase absoluta de objetivos ou padrões, ensejando o aparecimento de todas as intrujices tidas hoje por arte.

Revista XIX – O conceito de spleen era muito caro a Baudelaire, figurando no título de uma grande seção de *As Flores do Mal*, além de integrar o nome com o qual se consagrou a sua coletânea de poemas em prosa publicada postumamente (embora não se possa afirmar ao certo qual seria o título finalmente escolhido pelo autor para a obra). O senhor acredita que o spleen pode ser um conceito interessante para pensar a realidade contemporânea?

Penso que estamos, na realidade contemporânea, mais voltados para o tédio, que é uma forma negativa do spleen, ou mais ainda, para o desencanto, o descrédito, a desilusão, a inércia -- todos destituídos da criatividade que o spleen, embora contemplativo, ainda ensejava.

Revista XIX – No seu blog Gaveta do Ivo, o senhor divulga um material riquíssimo sobre literatura e tradução, pondo-se em diálogo direto com leitores de velhas e novas gerações. O senhor acompanha também a produção dos escritores contemporâneos? Há algo de Baudelaire na literatura de hoje?

Baudelaire continua atual: a Nova Fronteira (que herdou a Aguilar) está preparando uma nova edição da Prosa e Poesia, que saiu em 1995. E – notícia de primeira mão – a Editora SESI, de SP, vai lançar o livro de cabeceira de Charles Baudelaire, que consegui localizar e está sendo traduzido.

Revista XIX – O Gaveta do Ivo completou 7 anos em julho de 2017. O cuidado do senhor fica evidente em cada postagem. Quais as suas principais motivações para a criação do blog? É difícil mantê-lo? O senhor segue alguma rotina ou as publicações variam conforme a vontade de escrever/divulgar?

De repente dei com uma quantidade enorme de papéis, recortes de jornal, páginas manuscritas e/ou digitadas – e não sabia o que fazer daquilo. Certamente meus pósteros mandariam tudo para o lixo, bem como venderiam aos sebos alguns preciosos volumes da minha coleção. Para preservar alguns deles, doei toda a minha “estante Rimbaud” ao CCBB, ora guardados numa sala especial. Mas, e a papelada? Alguém sugeriu o blog, algo que eu nem sabia o que era, mas acabei me entusiasmando pelo projeto a ponto de, a princípio, publicar algo diariamente. Claro que, com o tempo, o ritmo foi decaindo e hoje me dou ao luxo de fazer longos recessos, um deles infelizmente por motivo grave (morte de meu irmão), o que me levou quase ao encerramento do projeto. O blog, no entanto, me permitiu preservar tudo quanto eu escrevi (ou escrevera) para os jornais e revistas: artigos, resenhas, comentários, prefácios, etc. E a divulgar coisas antigas que eu guardara como inúteis (versos da juventude, trechos de diários, cartas). E principalmente as minhas novas traduções, que aguardavam o ensejo de reedição da minha antologia. Para minha surpresa, a resposta dos leitores foi altamente positiva e permitiu-me criar um veículo de comunicação com eles. Raro é o artigo

publicado que não enseja perguntas e comentários. A minha tradução de *Eu canto o corpo elétrico*, de Walt Whitman, não deixou, nestes sete anos, um único dia sem ser consultada e houve data em que ela o foi 107 vezes no mesmo dia.

Revista XIX – Inúmeros leitores se queixam da dificuldade de compreender poesia, sobretudo a contemporânea. Assim, muitos apreciadores de literatura afirmam não apreciar a poesia, tratada por eles como se fosse um gênero literário alcançável apenas para alguns eleitos. Estaríamos diante de uma espécie de retorno da aura da poesia? O *Gaveta do Ivo* pode ser compreendido como um trabalho de divulgação da arte poética na internet, contribuindo para torná-la mais acessível sem abrir mão do primor técnico?

Nestes tempos pós-baudelairianos, como disse, houve um surto (ou uma epidemia) verborrágico-poética nos chamados meios de comunicação, demonstrando um total desconhecimento do que seja poesia. Poesia passou a ser tudo o que antes não era poesia. Daí a dificuldade dos apreciadores de literatura em identificar e apreciar a poesia atual. Em meu blog procuro mostrar-lhes alguns conceitos do que seja a boa qualidade poética, comentando a obra de grandes autores, analisando versos e até mesmo certos aspectos da arte poética (para eles desconhecida) e sem cujo conhecimento não se pode ter uma adequada possibilidade de apreciação. Mas procuro fazer isso na forma de exemplificação sem qualquer veleidade pedagógica.

